

DA FRAGMENTAÇÃO ESPECULAR À IMAGEM DE SI: SUBJETIVIDADE E NARCISISMO

Autor: Silvio Tony Santos de Oliveira;
Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Silviophoenix@hotmail.com

Resumo: A psicanálise, como ciência do inconsciente e da subjetividade humana, busca compreender as vicissitudes da psique humana, a partir dos primeiros enlaces que estabelecemos, nos primórdios de nossa infância, com nossos primeiros objetos (figuras parentais), através de uma relação marcada pela ambivalência sentimental que se caracteriza pelo embate entre o amor e ódio. É nos escombros dessa complexa relação que surgem os elementos que irão forjar a subjetividade do indivíduo. Desta forma, medra no inconsciente humano resquícios das primeiras experiências eróticas vivenciadas na infância. Assim, o presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo bibliográfico, de veios psicanalíticos, acerca do narcisismo infantil ou narcisismo primário. Alguns questionamentos norteiam, de forma geral, as diretrizes deste estudo: como se dá a dinâmica narcisista nas relações com nossos objetos primeiros? Quais os pontos de convergência/divergência entre as teorias psicanalíticas adotadas? Como a natureza das relações objetais influem na economia narcísica? Para tanto, recorreremos às contribuições de Sigmund Freud [1856-1939]; Jacques Lacan [1901-1981] e Françoise Dolto [1908-1988]. Esse estudo não pretende esgotar as leituras acerca da problemática do narcisismo, mas contribuir, por intermédio de uma articulação entre perspectivas teóricas singulares, para a compreensão de suas vicissitudes.

Palavras-chave: Narcisismo, Psicanálise, Inconsciente.

1. Introdução

A psicanálise se apresenta como uma ciência que busca investigar, descrever e fornecer ferramentas teóricas que viabilizem a compreensão da subjetividade humana. Os estudos psicanalíticos partem da compreensão da subjetividade humana inserida em seus múltiplos contextos culturais, sociais e históricos. É com Sigmund Freud (1856-1939) que o ser humano se confronta, inevitavelmente, com a inquestionável realidade que fica sintetizada em um dos aforismos freudianos: “o homem não é senhor de sua própria casa”. A descoberta do inconsciente, realizada por Freud, é, para a humanidade, considerada uma das três feridas narcísicas, ao lado da desmistificação da ideia de que a terra seria o centro do Universo, aspecto esse fragmentado pela teoria de Copérnico e a teoria da evolução das espécies, instituída por Charles Darwin, que desmistifica a concepção religiosa, que defende a origem do ser humano como criação divina.

O inconsciente, o principal objeto de estudo psicanalítico, é o alvo das críticas de aficionados contrários aos pressupostos de Freud, primeiro por não ser algo mensurável, palpável, passível de comprovação empírica. Além disso, Freud rompe, em pleno século XIX, com uma concepção histórica de que a criança era destituída de sexualidade, alcançando apenas posteriormente os atributos eróticos. Os ensinamentos

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br

do pai da psicanálise apresentam uma criança enleada, desde os primórdios de sua infância, em seus desejos incestuosos direcionados às figuras parentais. A criança freudiana é perversa-polimorfa, dotada de desejos autoeróticos e de uma sexualidade singular. É pela relação erótica com os pais, fomentada através dos cuidados necessários para a sobrevivência, como alimentação e cuidados de higiene, que a sexualidade infantil é afluída e, conseqüentemente, se arquetetam as bases da subjetividade humana.

Um dos aspectos subjetivos resultantes dessa relação parental erotizada é o narcisismo primário infantil. O termo narcisismo é forjado por Freud na sua íntima relação com a literatura. O termo é oriundo do mito de Narciso. O jovem Narciso era dotado de inigualável beleza e, diante do desconhecimento de sua própria imagem, ao se reconhecer nas águas de uma fonte e se enamorar de si mesmo, sucumbe ante o desejo de amar a si próprio. O narcisismo, etapa do desenvolvimento psíquico humano, é de fundamental importância, uma vez que é a partir dessa experiência que a criança se reconhece como um Ser uno e independente daquele (s) que lhe supre(m) às necessidades e cuidados vitais. A teoria psicanalítica observa e explica esse fenômeno psíquico por diversos parâmetros teóricos. Cada um compreendendo esse processo a partir dos enlaces estabelecidos entre o bebê e um *Outro*.

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo bibliográfico, de cunho psicanalítico, acerca do fenômeno do narcisismo infantil ou narcisismo primário. Um questionamento norteia, de forma geral, as diretrizes desse estudo: de que forma é forjado o narcisismo primário nas relações com nossos objetos primeiros? Outras indagações nos motivam, entre elas: quais os pontos convergentes/divergentes entre as teorias psicanalíticas adotadas acerca do narcisismo primário? Para tanto, recorreremos as contribuições de Sigmund Schlomo Freud (1856-1939); Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) e Françoise Dolto (1908-1988). Esse estudo não galga esgotar as leituras acerca dessa problemática da psique, mas contribuir para entendermos melhor posicionamentos teóricos discutidos, em especial nessa pesquisa. Sendo assim, cada um dos autores apresentam sua concepção sobre o narcisismo infantil, ora divergindo, ora corroborando seus pressupostos teóricos.

2- Entre o Eu e o Outro: os (des) caminhos rumo à subjetividade

No que se refere a elogios, somos capazes de recebe-los em quantidade ilimitada, como todos sabem. (Sigmund Freud, 1961)

Doravante, convidamos o prezado leitor para desbravar os caminhos e, principalmente, os atalhos, por vezes labirínticos, da visão psicanalítica

acerca do fenômeno do narcisismo primário. Discutir as particularidades do narcisismo primário, ao nosso ver, passa, necessariamente pela concepção ou ideia do duplo. Essa imagem que, na perspectiva freudiana, é desenvolvida pela figura materna e que, nas perspectivas de Lacan (1998) e Dolto (2008) é, também, vivenciada pela influência da experiência da imagem do espelho. Antes de mais nada, é salutar definirmos, no abrangente campo científico da psicanálise, o conceito de narcisismo primário. Para tanto, um dos mais significativos textos freudianos que se debruçam sobre essa problemática é *Introdução ao Narcisismo (1914)*. Nesse texto, podemos vislumbrar o narcisismo primário como o estágio do desenvolvimento psíquico infantil, no qual a criança começa a tomar consciência sobre si mesma. O bebê se reconhece como detentor de um corpo que lhe fornece prazer, muito por conta das relações eroticizadas que a criança estabelece com seus cuidadores. Ainda, nessa obra, o psicanalista vienense delinea sua teoria sobre o desenvolvimento psicosssexual da criança, desde as experiências autoeróticas até alcançar seu narcisismo. Para Freud, o ego não é uma estrutura pré-formada ou pré-existente na *psiquê* humana. Vejamos como nos ensina o pai da psicanálise:

As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação. Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui. (...) Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto (FREUD, 1914, p. 22).

Anteriormente, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*, Freud vai discorrer a respeito da relação mãe/bebê. Segundo ele, é através de carinhos, como beijar, abraçar, afagar, e cuidados vitais, como amamentação e higiene corporal, que a mãe, ou a responsável, estimula os desejos eróticos e as zonas erógenas da criança. O ego começa a ser construído por meio dos cuidados ofertados por esse primeiro objeto de amor, com o qual todos nós nos relacionamos nos primórdios de nossa infância. Essa visão freudiana reverbera na teoria lacaniana, uma vez que a perspectiva da relação criança/mãe é entendida como pertencente ao campo do

imaginário¹. O bebê é o falo² da mãe e a mãe é o falo do bebê. Seria uma relação ainda não transpassada pela cultura e pela linguagem.

Na perspectiva psicanalítica, de uma forma geral, o Ego³ é uma instância do aparelho psíquico que se refere à imagem psíquica que o sujeito constrói sobre si mesmo. Para Freud (1914), o Ego é construído a partir da relação da criança com seus primeiros objetos, mais especificamente, a figura que desempenha a função materna. Aqui, encontramos um pensamento teórico que permeia as visões de Freud e Lacan: o Ego não é uma estrutura do psiquismo inata ou pré-formada no sujeito, mas é forjada a partir da relação com o duplo – em Freud, a mãe. Em Lacan, a imagem especular.

Porém, é salutar discutirmos, também, esse narcisismo infantil pelo viés materno, uma vez que é pela maternagem que alçamos ao narcisismo infantil. Sendo assim, para a figura materna, algo se perdeu no seu próprio processo de castração⁴. Ela (a mãe) abdicou, um dia, dos seus primeiros objetos de amor (os pais). Ao ter filho (s) essa mulher passa a investir narcissicamente no (s) bebê (s) a libido que um dia teve que abdicar de dirigir a suas figuras parentais. Já pelo viés da criança, aceitar que seu corpo não é extensão do corpo do Outro (mãe), aceitar que o Outro é um ser diferente de si mesma significa abrir mão de ser “a majestade, o bebê”. Essa renúncia, conseqüentemente, significou para essa mulher, na sua infância, despojar-se de seu narcisismo infantil. É por meio da maternidade, mesmo que momentaneamente, que o bebê se torna o falo da mulher. Aquilo que a completa e que a faz reconhecer-se em sua feminilidade⁵. Nos enlacs entre a mãe e a criança, o bebê se entrega e se sente completo por estar nos braços daquela que, ao lhe fornecer os meios para sobreviver, o erotiza com seus carinhos.

¹ Na teoria psicanalítica de linha lacaniana, o termo imaginário se refere às relações que são estabelecidas – nesse caso entre a criança e seus cuidadores – ante a introjeção da cultura e, conseqüentemente, da linguagem. O imaginário abarca

² Termo psicanalítico, de linha lacaniana, que se refere aquilo que representaria a completude do vazio do sujeito, imposto pela castração. O falo, nesse sentido, não se restringe ao pênis, inclusive não assume a forma definitiva do órgão genital masculino, mas aquilo que complementa a subjetividade do indivíduo.

³ Estrutura do funcionamento psíquico humano que se apresentaria como intermediária entre o inconsciente e consciente. O Ego ou o Eu é, para Freud (1914), constituído a partir das relações entre a criança e seus cuidadores.

⁴ A castração é um conceito psicanalítico que consiste no processo de abnegação ou renúncia, por parte da criança, dos seus primeiros objetos de desejo (os pais), em nome da sua inserção na cultura.

⁵ Esse termo de cunho psicanalítico não mantém relações com o termo feminismo oriundo dos movimentos feministas. A feminilidade diz respeito a um conjunto de pulsões orais, anais e genitais associadas a normas culturais que definem um modelo do que viria a ser feminino.

Para Freud (1914), abdicar no narcisismo é, justamente, o indivíduo conseguir transferir sua energia libidinal para outros objetos que se diferenciam do próprio Eu do sujeito.

Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal; a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina; e mesmo o grande criminoso e o humorista conquistam o nosso interesse, na representação literária, pela coerência narcísica com que mantêm afastados de seu Eu tudo o que possa diminuí-lo. É como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que desde então nós mesmos abandonamos. (FREUD, 1914, p. 23)

No mesmo texto, o criador da psicanálise define dois tipos de direcionamento libidinal ou de libido. O primeiro seria a energia libidinal do Eu: a libido estaria direcionada ao próprio Ego. Esse é o objeto “interno” de investimento libidinal do sujeito. A autossuficiência deixa, às escâncaras, a relação que o sujeito tem com o Ego vislumbrado como objeto de amor. A segunda hipótese seria a energia libidinal direcionada aos objetos. Como dito anteriormente, Freud (1914) entende os cuidados e supervalorização dos filhos como uma forma de projeção do próprio narcisismo que os pais tiveram que abdicar um dia na infância.

Esses aspectos do narcisismo primário são de grande relevância na construção da subjetividade humana, na fase adulta. Holmes (2005) discute duas categorias ou classificações do narcisismo, encontradas no âmbito da psicanálise: os narcisistas inconscientes que se caracterizam por uma indiferença diante dos sentimentos dos outros e são pautados pelo exibicionismo. São adultos que retrucam qualquer possibilidade de perda do narcisismo infantil. Já o outro tipo, deixemos o autor discorrer a respeito. Vejamos:

Os tipos hipervigilantes sensíveis à rejeição e à crítica, são tímidos, inibidos e egocêntricos. Dão a impressão de ter “uma pele de menos” e se magoam com tal facilidade que o seu eu atrapalha qualquer relacionamento. Anthony Bateman argumenta que esses esteriotipos não são excludentes e que os hipervigilantes têm uma fragilidade menor do que aparentam, guardando uma raiva enorme quase à flor da pele, enquanto as pessoas aparentemente inconscientes podem acabar revelando, depois de iniciar a terapia, desolação e desesperança. (HOLMES, 2005, p. 23).

Seguindo a linha teórica de Holmes, entendemos que o narcisista hipervigilante apresenta uma certa capacidade de direcionamento libidinal aos objetos. Contudo, a perda desses objetos representa uma ferida em seu Ego – daí a fragilidade

quanto a ser rejeitado pelo amado(a). O hipervigilante necessita dos sentimentos correspondidos, como forma de enaltecer seu próprio Eu. Ter o objeto significa confirmar-se na posição daquele que é desejável, único, insubstituível.

Lacan, em seu texto *O estádio do espelho como formador da função do Eu* (), o qual faz parte dos *Escritos*, desenvolve, inicialmente, um comentário acerca de uma experiência na qual um bebê e um chimpanzé são comparados em nível de inteligência. É relatado que, de início, a criança é superada, em inteligência instrumental, pelo animal, mesmo que por período curto, pois, rapidamente, a criança consegue reconhecer sua imagem diante do espelho. Para Lacan, o estádio do espelho ocorre no período compreendido aproximadamente entre 6 meses e 18 meses de vida, porém essa demarcação cronológica apenas tem por objetivo teorizar sobre um suposto período. Ela não é rígida em suas demarcações.

Na perspectiva lacaniana, nesse período, a criança se encontra ainda com uma visão fragmentada sobre si mesma. Seu sistema nervoso se encontra, ainda, em formação, podendo ser constatado na locomoção feita com extrema dificuldade. O psiquismo também ainda está em formação, uma vez que os traços anímicos entre suas necessidades fisiológicas e biológicas estão em processo de inscrição. Logo, tanto biológica como psiquicamente a criança se encontra fragilizada ou, como diz Lacan, com o corpo despedaçado. Vejamos como Veiga descreve esse estágio do desenvolvimento infantil:

Entre todos os mamíferos é o único que não consegue mover-se em direção à teta da mãe no mesmo dia em que nasce. É tão descoordenado em seus movimentos que se for posto sobre uma mesa plana e deixado lá, acabará por morrer de fome e sede sem ter conseguido sequer cair da mesa. Os nervos que comandam seus músculos são como fios que conduzem eletricidade, só que nascem desencapados, causando uma série de curto-circuitos minúsculos que não dão choque mas resultam em contrações musculares desordenadas. (VEIGA, 2005, p. 16)

O bebê, no seu início de vida, encontra-se em um estado de total dependência vital dos outros adultos a sua volta, mais precisamente daquele que desempenha a função da maternagem, dito de outra forma, aquela(e) que realiza a função materna: acolher, alimentar, dispor atividades higiênicas, etc. Mãe e filho se encontram sob o véu do imaginário: o bebê é o falo da mãe e esta é uma extensão corporal da criança. O *infans* não possui uma imagem completa, integrada do próprio corpo. Diante do espelho, diz Lacan, o filhote humano se descobre, reconhece-se como sujeito detentor de um corpo. Assim, vejamos uma das possíveis definições lacanianas para o estádio do espelho:

Basta-nos compreender o estágio do espelho como uma *identificação* no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. (LACAN, 1998, p. 98)

Nessa perspectiva, a experiência especular diz respeito a um encontro e o mais importante, os efeitos desse encontro, de um sujeito com o reflexo de sua própria imagem. Lacan ainda afirma que a criança, diante de sua imagem, é tomada por um júbilo inestimável. Se reconhecer na imagem especular – esse duplo imagético ou essa *imago* especular – é o despertar do narcisismo infantil na perspectiva lacaniana. Ao tentar tocar, beijar, abraçar a imagem no espelho, o *infans* tem a confirmação que aquele que tenta manter contato físico não é outro, senão sua imagem refletida. É nesse momento que o Eu da criança começa a se integralizar, ou ainda, totalizar-se de maneira que a imagem fragmentada de um corpo ainda fragilizado pela dependência biológica e pela imaturação psíquica começa a ser substituída por uma imagem totalizante do corpo. Jalley (2009) defende que, inicialmente, a criança reconhece a imagem, porém não reconhece seu próprio corpo e nem a noção de exterior. O Eu, aos poucos, através de um processo contínuo e, em uma perspectiva normal, sempre caracterizado por avanços, ganha seu molde com base na imagem especular. Esta, diz o referido autor, ao mesmo tempo em que forma o Eu também usa da alienação deste.

A energia libidinal, assim, é dirigida para o Eu - aqui, vislumbramos um ponto de convergência entre o pensamento freudiano e lacaniano. Essa experiência não é considerada circunscrita no âmbito do campo do simbólico. Entretanto, é o momento de iniciação da inserção da criança na linguagem e na ordem da cultura. O bebê começa a entender que possui um corpo e que esse não se mantém fusionado com o corpo materno. Dessa maneira, podemos pensar nessa experiência do espelho como algo que oferece à criança a vivência de um *gozo*⁶, uma vez que, ao mesmo tempo que estimula o júbilo infantil por se reconhecer como detentor de um corpo não-fragmentado, também essa consciência implica em um prenúncio da separação da mãe e da tomada de consciência que o corpo materno não é uma extensão de si.

Françoise Dolto, por sua vez, apresenta uma outra perspectiva acerca do estágio do espelho. Em uma obra célebre da literatura psicanalítica, *A criança no espelho* (2008), a

⁶ Lacan busca, na área jurídica, o sentido psicanalítico do gozo. Para ele, o gozo implica em fazer uso de algo com determinado limite ou até certa medida. O gozo se encontra nos limiares do prazer e da dor, da satisfação e da angústia, do êxtase e do descontentamento. O gozo sempre é parcial.

psicanalista francesa discute, em colaboração com J. D. Nasio, seus principais pontos teóricos. Primeiramente, entendemos ser salutar já distinguirmos alguns conceitos básicos nas teorias lacanianas e doltoniana. Para Lacan, o espelho é plano/refletidor e seus efeitos escópicos são fundamentais para a unificação do corpo despedaçado da criança. Já Dolto entende que a experiência do espelho não é fundamental, mas complementar a uma imagem inconsciente que a criança tem sobre si. O corpo do *infans*, dessa forma, não se apresenta despedaçado como afirma a perspectiva lacaniana. Logo, temos uma oposição de espelhos: plano/psíquico. Com a finalidade de exemplificar a supremacia da imagem inconsciente do corpo em detrimento da imagem especular, Dolto se utiliza dos casos clínicos de crianças portadoras de deficiência visual:

Essas crianças cegas são dotadas de uma sensibilidade notável. Quando, por exemplo, elas modelam uma escultura, as mãos da bonequinha representada ocupam um lugar preponderante. Ocorre-lhes traçar desenhos não sobre o papel, mas gravados na massa de modelar achatada. E elas obtêm assim, com a mesma mestria que as crianças que vêem, verdadeiras imagens do corpo projetadas em seus grafismos. Ora, em suas esculturas o tamanho das mãos é muito maior que nas modelagens das crianças que vêem, e a razão disso é muito clara: é com as mãos que as cegas vêem, é nas mãos que elas têm olhos. (DOLTO, 2008, p. 38)

Em Lacan (1998), temos um narcisismo que se ergue ou ganha contornos a partir da alienação do Eu feita pela imagem de um corpo (físico) refletido do espelho. O estímulo é fundamentalmente escópico. Dolto (2008), ao nosso ver, teoriza partindo de um conceito de corpo não físico, não pulsional, mas um corpo psíquico formado a partir da visão que o sujeito tem sobre si mesmo e que se mantém nas brumas do inconsciente. Os estímulos, para dar forma a esse corpo, não se restringem a imagens, contudo são mais amplos e de uma complexidade mais acentuada. As crianças cegas não têm acesso ao estímulo visual, porém mantêm intactas as imagens psíquicas acerca dos seus corpos. Os olhos são “deslocados” para as mãos, pois essa é a forma de reelaboração da experiência com o mundo exterior. É a forma que encontraram para interagir, simbolicamente, com o mundo a sua volta. É uma forma de conhecimento do Ser sobre o Eu.

Jalley (2009) discute um dos importantes conceitos presentes na teoria do estágio do espelho, na perspectiva lacaniana: o transitivismo. Esse termo, segundo Jalley, é trazido do campo da psiquiatria para a psicologia por Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962). Entretanto, Lacan, ao retomá-lo, não faz referência às contribuições wallonianas. Jalley afirma que o psicanalista francês compreende o transitivismo

como uma das fases do desenvolvimento psíquico da criança ocorrido concomitantemente com a experiência especular.

O transitivismo consiste em uma criança mais jovem atribuir ações feitas por si a outra criança mais velha: “ele bateu em mim!” ou “ele me empurrou!”. Na perspectiva lacaniana, esse processo se mostra fundamental para o bebê, pois ele começa, mesmo atribuindo ao outro suas atitudes, a ter noção de uma totalidade e comando sobre seu próprio corpo. O bebê também atribui à imagem do espelho ações que são feitas por ele mesmo. *O infans* almeja interagir com sua imagem ao tentar tocar, beijar abraçar a suposta outra criança, assim como faz Narciso com seu reflexo:

O processo de transitivismo é alicerçado sobre os pilares da projeção, o qual consiste em projetar exteriormente – ou no outro – aquilo que nos constitui interiormente. Entretanto, Dolto defende que é, justamente, o estranhamento ou o não reconhecimento de si na imagem especular que faz com que a criança seja alçada ao seu narcisismo primário. Na perspectiva doltoniana, a imagem ao ser identificada com o Eu causa angústia na criança. Seria uma espécie de castração imagética ou especular, nessa perspectiva teórica. A criança necessita, inegavelmente, de uma mediação, no seu processo de simbolização entre o Eu e a imagem refletida:

Se a criança estiver sozinha no recinto, sem a companhia de alguém para lhe explicar que se trata apenas de uma imagem, ela fica aflita. É então que se dá a prova. Para que essa prova tenha um efeito simbolizante, é indispensável que o adulto presente nomeie o que está acontecendo. É verdade que muitas mães, nesse momento, cometem o erro de dizer à criança, apontando o espelho: “Está vendo, isso é você”, quando seria muito simples e correto dizer: “Está vendo, isso é *a sua imagem* no espelho, assim como a que você vê ao lado é a *minha imagem* no espelho (DOLTO, 2008, p. 39).

O que percebemos, com mais frequência, na teoria de Lacan é uma criança, digamos, mais autônoma diante do espelho, ao passo que Dolto defende a presença de um adulto para ajudar a mesma em seu processo de simbolização. A imagem do espelho pode sim fragmentar⁷ um corpo que não o era assim anteriormente. A criança possui uma imagem inconsciente de si que precisa apenas ser moldada através do processo de simbolização. Lacan defende que o sucesso se encontra na criança se reconhecer no espelho. Dolto advoga que a experiência do

⁷ Dolto teoriza a fragmentação a partir do psíquico enquanto que Lacan teoriza a mesma a partir do conjunto biológico e psíquico.

espelho gera no *infans* uma angústia e não júbilo e, conseqüentemente, seria algo semelhante à castração.

A criança se sente angustiada diante do espelho. O adulto tem por função estabelecer que a imagem é um reflexo e não a própria criança. Aquele que desempenha essa função, ou melhor, o corpo deste acaba por funcionar também como referência para a criança. Sobre a imagem especular: “ela distorce na medida em que mostra apenas uma única face do sujeito, quando, na verdade, a criança sente-se inteira em seu ser; tanto nas costas como na frente” (DOLTO, 2008, p.43).

Lacan (1998) entende que o narcisismo primário se inicia a partir do momento em que a criança se reconhece diante do espelho. O Eu ganha contornos e prenuncia sua inserção futura na ordem simbólica e, conseqüentemente, na cultura. Dolto (2008), por sua vez, postula que o narcisismo primário se instaura a partir do momento que a criança passa pela angustiada prova do espelho. Lograr êxito, nessa perspectiva, é não se reconhecer na imagem, mas saber que aquilo que observa não é o Eu, mas um reflexo parcial de um corpo unificado.

Logo, seja pelo viés freudiano, lacaniano ou doltoniano, a criança logra êxito ao atingir seu narcisismo através dessa imagem psíquica que é formada sobre o Eu. Todavia, Freud (1914) afirma que o narcisismo primário necessita ser abdicado em nome de manutenção de laços mais saudáveis ou sociáveis na fase adulta. É, na infância, que a criança começa a direcionar sua libido não mais ao Eu, mas aos objetos, primeiramente, no decorrer do complexo de Édipo ⁸e, posteriormente, em outros objetos de amor escolhidos na fase adulta. Freud ainda não acredita em um direcionamento completo da energia do Eu para objetos.

De acordo com o pai da psicanálise, a energia, que outrora fora dirigida ao Eu, é transformada em dois elementos constituintes do psiquismo humano o “Eu-ideal” e o “ideal-do-Eu”. O primeiro seria ainda resquícios de um narcisismo primário. As aspirações ou idealizações que o Eu tem sobre si. Se pensarmos na teoria lacaniana, o “Eu-ideal” estaria no âmbito do imaginário. Por sua vez, o segundo diz respeito das projeções ou expectativas que os outros socialmente esperam do sujeito, na teoria lacaniana estaria no campo do simbólico. São os diversos discursos que o Outro diz sobre o Eu. Assim, o narcisismo primário não deixa de

⁸ Conceito psicanalítico formulado por Freud e depois retomado pelas inúmeras escolas psicanalíticas. Diz respeito ao desejo incestuoso e que se sustenta, apenas, no campo da fantasia, inato ao desenvolvimento psicosssexual humano, que é dirigido pelas crianças às figuras parentais.

existir em sua totalidade, apenas se modifica na forma de transferência libidinal existente entre o Eu-ideal e o ideal-do-eu.

3-Conclusão

. A mimese daquilo que é próprio do ser humano é a espinha dorsal da mitologia e isso reverbera nas mais diversas culturas e tempos. A psicanálise, como ciência que se debruça sobre a essência do Ser em confronto com a cultura, encontra nos mitos meios de formalizar, teorizar aquilo que se apresenta como indizível ou impossível de se demarcar no tempo. O complexo do narcisismo primário pode ser compreendido a partir dos pressupostos freudianos, lacanianos e doltonianos, cada escola psicanalítica com sua perspectiva acerca do fenômeno. O narcisismo primário passa pela questão do duplo, seja em Freud, na relação mãe/bebê, em Lacan, na relação criança e sua imagem especular e, em Dolto, com o sujeito com e imagem inconsciente do corpo, estimulada pela imagem escópica do espelho e intermediada por um adulto. Desta forma, o complexo do narcisismo primário, como estágio do desenvolvimento psíquico infantil, apresenta-se como constituinte da subjetividade do Ser e reverbera suas vicissitudes na vida adulta do indivíduo.

3- Referências:

DOLTO, Françoise. **A criança do espelho** / François Dolto; J.-D Nasio. Tradução André Telles. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2008

ETZLSTORFER, Hannes; NOMAIER, Peter. **Pense como Freud**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo. Ed. Cultrix. 2017

FREUD, Sigmund (1901 -1905). FREUD, Sigmund (1920 -1922). **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro. Ed. Imago. 2006

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** In obras completas Vol. 12. Rio de Janeiro. Ed. Companhia das Letras. (1914-1916)

HOLMES, Jeremy. **Conceitos da Psicanálise: narcisismo**. Tradução carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro. Relume Dumará: Ediouro; São Paulo. Seguimento Duetto. 2005

JALLEY, Émile. **Freud, Wallon, Lacan: a criança no espelho**. Tradução Antonio Carlos V. Braga – Rio de Janeiro. Ed. Cia de Freud. 2009

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br



LACAN, Jacques. (1901-1981). **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1998